

REFERENCIAÇÃO E TÓPICO DISCURSIVO: CATEGORIAS ANALÍTICAS E CATEGORIAS INTERACIONAIS

REFERENTIATION AND DISCOURSIIVE TOPIC: ANALYTICAL CATEGORIES AND INTERATIONAL CATEGORIES

Jacqueline Costa Sanches Vignoli¹, Daniela Zimmermann Machado²

RESUMO: *Artigo com o objetivo de discutir a noção de tópico discursivo como categoria sociocognitiva a partir da relação entre os estudos sobre objeto de discurso e tópico discursivo (TD), considerando a construção de referentes (ou apenas de sentidos) em textos do gênero charge. A noção de objeto de discurso, oposta à noção de objetos do mundo, pode ser entendida como uma construção “mental” de referentes resultante de uma atividade discursiva (que não recai no reducionismo de que a língua reflete o mundo). O TD é uma unidade abstrata de análise, tendo nos segmentos tópicos sua materialização a partir das propriedades de centração e organicidade. Entendemos que a topicalidade seja um aspecto constitutivo dos textos em geral e que sua manifestação ocorra a partir de uma relação global entre diversos tipos de conhecimentos, sendo necessário que o TD seja extraído do texto pelo analista, conforme demonstraremos com análise de três charges.*

PALAVRAS-CHAVE: perspectiva textual-interativa; tópico discursivo; referenciação; charges

ABSTRACT: *This article discusses the notion of discursive topic as a socio-cognitive category from the relation between studies about discourse object and discursive topic, considering the construction of referents (or meaning only) in the text of the cartoon genre. The notion of discourse object, which opposes the notion of objects of the world, can be understood as a “mental” construction of referents that are consequences of a discursive activity (that does not fit into reductionism, in which the language reflects the world). The Discursive Topic is an abstract unit of analysis, which materializes in the topic segments from the properties of centration and organicity. We understand that topicality is a constructive aspect of texts in general, and that its manifestation occurs from a global relation among different types of knowledges, which makes it necessary that the analyst must extract the discursive topic from the text, as we will demonstrate with three cartoons.*

KEYWORDS: textual-iterative perspective; discursive topic; referentiation; cartoons

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista, UNESP – *campus* de São José do Rio Preto e doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná. Docente na Universidade Estadual do Paraná, *campus* de Campo Mourão.

² Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná. Docente na Universidade Estadual do Paraná, *campus* de Paranaguá.

Introdução

Muitas são as razões pelas quais um pesquisador se propõe a escrever um artigo científico, sendo, na maioria das vezes, o desejo de se divulgar dados de uma pesquisa. Este texto comunga da intenção de apresentar alguns resultados de pesquisa, mas, coadunado a este objetivo, pretendemos prestar uma homenagem a Clélia Candida Abreu Spinardi Jubran, grande pesquisadora da área do texto, que muito contribuiu para a disseminação da noção do Tópico Discursivo (TD) no Brasil e tão cedo nos deixou em janeiro de 2015.

A descrição inicial, no Brasil, da noção de TD foi feita por Jubran *et al.* (1992) para tratamento de textos falados a partir da percepção de que a categoria de turnos conversacionais não era adequada a uma análise que estivesse relacionada à perspectiva textual-interativa de linguagem. A esse respeito temos, de acordo com Jubran (2006):

A adoção de um enfoque textual-interativo apóia-se na concepção de linguagem como uma forma de ação, uma atividade verbal exercida entre pelo menos dois interlocutores, dentro de uma localização contextual, em que um se situa reciprocamente em relação ao outro, levando em conta circunstâncias da enunciação. Ressalta-se, assim, a visão de linguagem como manifestação de uma competência comunicativa, definível como capacidade de manter a interação social, mediante a produção e o entendimento de textos que funcionam comunicativamente. (JUBRAN, 2006, p.28)

Pela definição acima, temos a delimitação conceitual de um campo de estudos da linguagem que se propõe a analisar as formas de manifestação de uma competência comunicativa, a saber, os textos, vistos como mediadores na manutenção da interação social entre pelo menos dois interlocutores. Pontuar este pressuposto de base teórico no momento em que introduzimos nosso texto é, para nós, essencial, pois deixamos explícito o princípio de que os fatores interacionais não são externos ao texto, mas inerentes à expressão linguística.

Diante do objetivo de discutir acerca do desenvolvimento do tópico discursivo de/em um texto bem como de compreender como essa dimensão pode ser percebida no momento de analisarmos e interpretarmos um texto, buscamos articular o estudo do tópico discursivo ao estudo da referenciação. Entendemos que a partir da análise dos processos de referenciação seja possível encontrarmos pistas para o estudo do tópico discursivo. Dito de outra forma: os elementos de referenciação (incluindo aqui os processos referenciais explicitados no texto ou aqueles construídos a partir de inferências) podem indicar ou dar instruções ao leitor acerca do tópico tratado. Essa tese é fundamentada a partir da afirmação de Pinheiro (2012, p. 794): “um objeto de discurso é identificado, reconhecido e definido como tal pelos próprios participantes de uma interação verbal, e assim pode ser tratado como tópico, isto é, objeto considerado e manifestado como o assunto sobre o qual o texto/discurso se porta.”

O trabalho com o gênero charge possibilita expandirmos um pouco a discussão proposta, uma vez que a leitura da charge inclui a situação de produção e a situação de interpretação do texto, esta última podendo variar de acordo com o conhecimento de mundo do interlocutor ou mesmo segundo a situação política, histórica e social. Quando pensamos na expansão da discussão proposta, estamos nos referindo à possibilidade de extrapolar a análise do texto para além dos limites da unidade da língua, considerando as inferências e os elementos não linguísticos. E é nesse limite entre o extrapolar os limites da unidade da língua e o considerar a unidade da língua que pretendemos pensar na relação entre objeto de discurso e tópicos discursivos, o que já é previsto quando pensamos que o texto não é um produto acabado e sim algo que é construído.

Organizamos este artigo em dois eixos principais: primeiramente, trabalharemos com a noção de tópico discursivo a partir de uma perspectiva textual-discursiva, acrescentando a essa reflexão as contribuições do estudo da Referenciação bem como as aproximações (teóricas, analíticas, metodológicas) possíveis entre essas duas dimensões (o tópico discursivo e o objeto de discurso). Em um segundo momento, apresentaremos a análise de três charges, procurando, a partir de critérios descritivos e conceituais, mostrar como a referenciação pode servir como instrução para o estudo e desenvolvimento do tópico discursivo.

Tópico Discursivo em uma perspectiva textual-interativa

A noção de Tópico Discursivo (TD) desenvolveu-se no Brasil com as pesquisas realizadas pelo Grupo de Organização Textual-Interativa do Projeto Gramática do Português Culto Falado (PGPF), sendo, portanto, em um primeiro momento, aplicável apenas a textos falados em detrimento à eleição de turnos como unidade de análise do corpus formado pelo NURC. De acordo com Pinheiro (2012), sua delimitação ocorre principalmente nos trabalhos de Jubran - Jubran *et al* (1992), Jubran (2006) e Jubran (2006a), sendo que, em seu texto de 2006a, a pesquisadora amplia o conceito antes postulado, especialmente em favor da função interacional inerente a qualquer texto, seja falado, seja escrito. Temos assim, nas palavras de Jubran:

Concebemos, então, a função interacional de modo amplo, como inerente a todo e qualquer texto, já que o produtor de um texto, seja falado ou escrito, orienta suas escolhas linguístico-discursivas em função do interlocutor presente no intercâmbio oral ou pretendido no evento comunicativo realizado por meio da escrita. (JUBRAN, 2006a, p.35).

Partindo da ampliação orientada pela perspectiva textual-interativa, a unidade de análise TD foi inicialmente aplicada a textos falados, embora tenha se expandido para textos escritos, uma vez que, de acordo com Jubran (2006a, p. 34), “a topicalidade é um processo constitutivo de texto”, independentemente de seu modo de enunciação e deve ser suficientemente abrangente para dar conta dos mais diversos gêneros textuais, definindo-se, assim, como “uma categoria abstrata analítica, com a qual se opera na descrição da organização tópica de um texto” (Jubran, 2006, p.91), cujas propriedades particularizadoras podem ser estabelecidas em termos de centração e de organicidade.

A primeira propriedade, a centração, diz respeito a “um conjunto de referentes, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem” (Jubran, 2006, p.91), abrangendo traços de concernência (interdependência semântica), relevância (posição focal do tema) e pontualização (localização do ponto focal em determinado momento do texto). Pinheiro (2012), ao tratar da categoria de análise do Tópico Discursivo, ressalta que Jubran (2006a), em decorrência de uma ampliação da visada interacional, sugere uma complementação para a propriedade da centração em virtude da substituição da função referencial pela função interacional da linguagem, uma vez que as escolhas linguístico-discursivas realizadas pelo produtor de um texto são feitas em função de um querer-dizer para alguém (interlocutor).

Quanto à propriedade da organicidade, sua manifestação decorre das relações de interdependência tópica que se estabelecem nos planos hierárquico e linear.

Sobre o plano hierárquico, Jubran nos diz:

As relações de interdependência entre tópicos, de acordo com o âmbito maior ou menor com que o assunto em pauta é desenvolvido, configuram níveis de hierarquização na estruturação tópica, vista no seu recorte vertical. Há como que camadas de organização, indo desde um tópico amplo, passando por tópicos sucessivamente particularizadores, até se alcançarem constituintes tópicos mínimos, definíveis pelo maior grau de particularização do assunto em relevância. (JUBRAN, 2006, p.95)

A partir das relações de interdependência entre os níveis hierárquicos, é possível visualizar os Quadros Tópicos (QTs) que são caracterizados pela centração em um tópico mais abrangente, chamado Supertópico (ST), e pela divisão interna do Supertópico em tópicos co-constituintes, os Subtópicos (SbT). Podem ocorrer também subdivisões no interior de cada Subtópico, que se constituirá como um Supertópico em relação aos seus tópicos

coconstituintes, formando assim, com eles, um Quadro Tópico de nível inferior na hierarquia tópica.

Já sobre o plano linear, dois são os fenômenos característicos: a continuidade e a descontinuidade. Jubran (2006, p. 97) define continuidade tópica como “uma relação de adjacência entre segmentos tópicos, que ocorre na circunstância específica de esgotamento do tópico anterior e mudança para um novo tópico”. Descontinuidade tópica, por sua vez, é vista como uma perturbação da sequência linear e pode ocorrer quando há suspensão definitiva do tópico, intercalação no seu interior de outros tópicos e expansão posterior de um tópico apenas anunciado anteriormente.

Considerando o TD não apenas como uma categoria analítica, mas como uma categoria interacional, diversos autores como Marcuschi (2006), Pinheiro (2006 e 2012), Cavalvante, Pinheiro, Lins e Lima (2010) assinalam a relação intrínseca entre referenciação e progressão tópica, uma vez que, por sua natureza sociocognitiva, o que permite realizar a delimitação e organização do TD “é a relação global, de longo alcance, criada tanto por um indício fornecido pelo cotexto, como por outros dados do entorno sociocultural e situacional dos enunciadores e coenunciadores” (Pinheiro, 2012, p.800).

Com o intuito de elaborar de modo mais sistemático a relação entre objeto do discurso e tópico, Pinheiro (2012, p. 803) afirma que para que um objeto de discurso passe a ser tratado como tópico é preciso que a cadeia referencial formada seja proeminente ao longo ou em algum ponto do texto, constituindo, configurando assim a propriedade da centração tópica. Corroboramos a relação expressa por Pinheiro (2012) e, em nosso trabalho, desejamos demonstrar que, em gêneros como a charge, muitas vezes só é possível para os interlocutores identificarem o assunto manifestado pelo texto com o auxílio de conhecimentos outros que não os puramente linguísticos.

Nesse sentido, é interessante retomar, a partir de Pinheiro (2006), a crítica de que a noção de Tópico Discursivo ser uma categoria intuitiva por não ser possível delimitar o assunto apenas pela materialidade textual. Entendemos, contudo, que acreditar que o tema de um dado texto esteja inscrito apenas em sua porção material é uma ilusão, pois se trata de reduzir toda a discussão em torno da geração de múltiplos sentidos possíveis, retornando a uma concepção de texto pronto e acabado em detrimento a uma percepção de texto como lugar da interação.

Ressaltar a característica interacional do tópico é essencial para este trabalho, uma vez que os aspectos contextuais envolvidos na situação comunicativa são essenciais, a nosso ver, para a segmentação e posterior hierarquização tópica. Jubran (2006a) explicitamente assume

uma noção mais ampla de interação (não apenas a situação imediata do texto falado), embora em textos anteriores essa questão já estivesse sinalizada. Jubran et al. (1992) já dizia que na construção tópica os seguintes fatores estão envolvidos:

um complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, sua visão de mundo, o background de cada um em relação ao que falam, bem como suas pressuposições. (JUBRAN et al., 1992, p. 361)

Na citação acima transcrita, percebemos a consideração dos fatores contextuais na produção colaborativa entre falantes que constroem, em conjunto, a topicalidade textual, ou seja, Jubran et al. (1992) consideravam que, em textos coletados do NURC (textos falados, gênero diálogo), havia entre os interlocutores (informantes) um compartilhamento de conhecimentos, uma vez que a progressão tópica (desenvolvimento de um Tópico Discursivo) pressupõe alguns fatores cognitivos e textuais para a manutenção tópica. Não há dúvida, portanto, que desde o início os trabalhos filiados à adoção do Tópico Discursivo como unidade de análise levam em consideração os fatores que compõem a situação comunicativa.

Como forma de síntese, após as considerações feitas sobre a noção de Tópico Discursivo, podemos dizer que os primeiros estudos a se valerem dessa unidade de análise foram aqueles cujo objeto se centrava em textos falados, especialmente as pesquisas realizadas no interior do PGPF, sendo que a unidade de análise do TD foi, ao longo do tempo, ganhando uma visada interacional, constituindo-se como uma categoria sociocognitiva, como podemos perceber na revisão feita por Jubran (2006a) e, posteriormente, por Cavalcante, Pinheiro, Lins e Lima (2010). Em decorrência das ampliações propostas, a topicalidade, antes restrita ao texto oral, passa a ser compreendida como fenômeno inerente a qualquer gênero, seja oral, escrito, imagético. Por fim, vale ressaltar a necessária aproximação feita entre os processos de progressão tópica e os mecanismos de referencialização, considerando que um dado objeto de discurso pode ser identificado como tópico tratado em um dado texto.

Assumimos que um objeto de discurso pode trazer a instrução necessária para a compreensão do tópico discursivo. Entendemos, aqui, instrução, como sendo um conjunto de informações (linguísticas ou não, mas que apresentam relação com a construção do sentido) que é evidenciada de forma direta ou indireta pelas unidades da língua. Ou seja, há algo no texto que garante a possibilidade de fazer conexões e essas conexões podem sinalizar o tópico discursivo do texto.

Na sequência, após essa breve exposição teórica, iniciamos as análises de três charges com o intuito de discutirmos o princípio da topicalidade neste gênero.

O gênero charge: o princípio da topicalidade em xeque?

A charge abaixo, publicada no dia 15/01/2015, em um site paraense de notícias da internet, apresenta dois personagens trajando ternos e gravatas, sendo que um deles tem um cifrão em sua vestimenta. Vejamos:

Charge 01:



Fonte: <http://gepgeoficial.blogspot.nl/2013/10/momento-interpretacao.html> Acesso em: 10/02/2018.

Como podemos perceber, além dos personagens, ao fundo, há um varal com várias notas molhadas estendidas. Pela cor verde das cédulas, podemos dizer que se tratam de dólares americanos. Também percebemos, na parte não-verbal, que um dos personagens tem uma laranja em sua mão. Observando agora a parte verbal, temos no canto superior esquerdo a palavra “DICAS”, seguida de reticências. Há também dois balões de fala, entre os personagens, os quais transcrevemos:

Personagem 1: Como o nobre colega faz para deixar seu dinheiro tão limpinho?

Personagem 2: Eu uso laranjas!

Levando em consideração que o princípio da topicalidade é inerente a qualquer texto, entendemos que também possa ser observado em textos multimodais, em que, além da porção verbal, encontramos também partes imagéticas. Exemplo disso é o trabalho de Lins (2006) em que a autora trata da organização tópica em tiras de quadrinhos, gênero que, a exemplo das

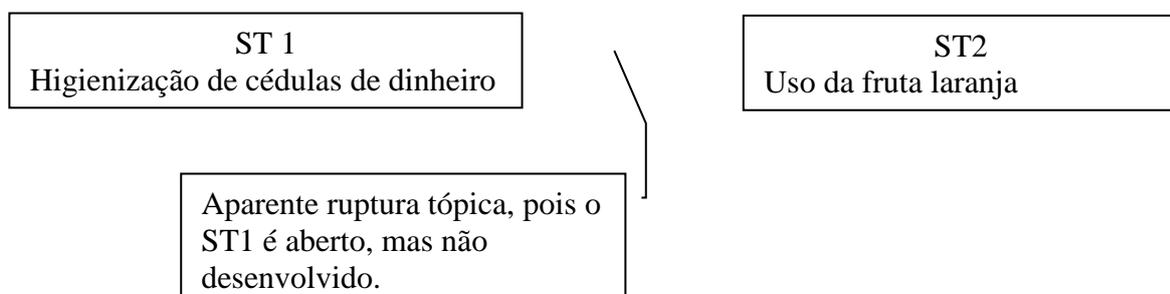
charges, também apresenta “complementariedade entre componentes verbais e visuais” (Lins, 2006, p.125).

A primeira decisão do analista para construir um QT da charge acima reside na questão: qual o Supertópico do texto? Ou seja, qual o assunto central apresentado na nota? Apesar de questões assim parecerem retiradas de livros didáticos, aquelas constantes em exercícios que insistem em perguntar: “o que o texto quis dizer?”, na construção de QTs, a apreensão de um tema central é fulcral, uma vez que a Segmentação Tópica depende dessa percepção.

Assim, levando em conta a complementariedade entre a parte visual e a verbal, assinalada por Lins (2006), temos uma primeira possibilidade: a charge trata da higienização de notas de dinheiro, uma vez que a pergunta do Personagem 1 “Como o nobre colega faz para deixar seu dinheiro tão limpinho?” utiliza o vocábulo “limpinho” que se relaciona semanticamente com as cédulas molhadas e penduradas em um varal para secar. Para dar continuidade ao tópico aberto (higienização de cédulas), a resposta esperada do Personagem 2 deveria estar no campo semântico de “itens de limpeza”, como: sabão, água, desinfetante, entre outros.

Contudo, a despeito do esperado, a resposta do Personagem 2 “Eu uso laranjas!” está, aparentemente, em desconexão com o tópico anteriormente aberto, uma vez que “laranjas” não são usualmente usadas como produtos de limpeza. Estaríamos então diante de um quadro de ruptura tópica? Ou seja, a resposta inesperada do Personagem 2 estaria quebrando a progressão tópica, introduzindo novo tópico na conversação representada pela charge? Se considerarmos que a resposta apresentada não mantém o princípio da centração, a falta de manutenção tópica, inclusive, geraria um problema de coerência, uma vez que a resposta dada seria uma espécie de “nom sense” pois atribui à fruta propriedades de que não comunga.

Teríamos um Quadro Tópico como o seguinte:



A aparente ruptura tópica, entretanto, não se sustenta quando expandimos a noção de tópico discursivo, como Jubran (2006a) sustenta, em favor de uma visada mais interacional, em uma relação direta entre os conceitos de objeto do discurso e tópico. A partir desta nova perspectiva de análise, a resposta dada pelo Personagem 2 -“Eu uso laranjas!” – passa a ser uma resposta válida à pergunta feita anteriormente, já que o Supertópico da charge pode ser delimitado como “Legalização de dinheiro escuso”, uma vez que o termo “limpinho” está relacionado à expressão “dinheiro sujo” e “lavagem de dinheiro”, denotando a procedência desonesta de dinheiro e sua posterior legalização por meio de atos fraudulentos. Já a expressão “laranjas” tem, neste contexto, o sentido de pessoas que emprestam seus dados (nome, documentos e conta bancária) para que outras pessoas façam operações ilegais sem, contudo, expor suas identidades.

Observando a progressão tópica a partir dos dados contextuais, teríamos:



É preciso que deixemos claro, todavia, que o Quadro Tópico acima apresentado é uma potencialidade, uma vez que os conhecimentos partilhados entre os interlocutores são essenciais para que se realize a produção de sentido em um texto, como alertam Koch e Penna:

Para que o falante/escrevente consiga concretizar seu projeto de dizer faz-se necessária a colaboração do leitor/ouvinte; isto é, faz-se necessária a sua inserção no mesmo contexto sócio-cognitivo do produtor; o partilhar de conhecimento entre ambos; o esforço cognitivo do co-enunciador no sentido de produzir inferências; enfim, a disposição de “negociar” o sentido. (KOCH; PENNA, 2006, p.24)

O que se pretende dizer, portanto, corroborando com muitos outros autores, é que a coerência não é uma propriedade a ser “encontrada” nos textos, mas um princípio que se

estabelece entre os interlocutores, “resultando de uma construção dos parceiros na situação interativa” (LINS, 2006, p.133).

Se observarmos a mesma charge do ponto de vista da Referenciação, podemos estabelecer algumas relações: 1) “dinheiro”, “limpinho” e a imagem do varal ao fundou; 2) entre “dinheiro tão limpinho” e “laranjas”; 3) podemos destacar uma relação anafórica indireta entre “nobre colega”, “dinheiro”, “limpinho” e “laranja” que, juntos e relacionados a aspectos sociais, auxiliam na construção do sentido, além de contribuírem para o desenvolvimento do tópico discursivo sugerido no texto.

Prossigamos com nossas análises a partir de uma nova charge:

Charge 02:



Fonte: http://correio.rac.com.br/_conteudo/2013/01/entretenimento/charges/22160-charge-do-dia.html

Acesso em: 10/02/2018.

A charge acima foi publicada no jornal Correio Popular, da cidade de Campinas – SP, no dia 08/01/2013 e conta com uma fala entre dois personagens: um homem, jovem, com uma prancheta nas mãos; e a “letra B” com formato de cérebro. Ao fundo, há um título para a charge “Seleção pro programa” e, logo abaixo, outras duas “letras B”, uma em formato de seios e outra em formato de nádegas. Entre os personagens, há o seguinte diálogo:

Personagem humano: “Isso é cérebro ou intestino?”

Personagem B: “Cérebro”

Personagem humano: “Tá fora.”

Diferentemente da Charge 01 em que percebemos uma aparente descontinuidade tópica, na Charge 02, temos dificuldades em delimitar um tópico para o texto sem nos

apoiarmos em um dado conhecimento de mundo. Neste sentido, Cavalcante, Pinheiro, Lins e Lima (2010, p. 246), retomando texto de Marcuschi (2006), afirmam que

Marcuschi (2006) relaciona a noção de tópico discursivo à de frames que se desenvolvem no encadeamento de elementos informacionais lexicalizados, o que pressupõe a relação direta entre organizações tópicas e organizações lexicais. Isso implica a construção de todo o processo referencial, englobando, aí, contexto e conhecimento prévio. Assim, a noção de tópico discursivo diz respeito à produção enunciativa de objetos de discurso mediante modos de enunciação sociocognitivamente situados. (CAVALCANTE; PINHEIRO; LINS; LIMA, 2010, p. 246)

Concordamos com a relação estabelecida pelos teóricos acima entre organizações tópicas e organizações lexicais, sendo que no gênero charge essa relação fica ainda mais evidente e necessária. Isto é, para que seja produzido um sentido para a Charge 02, é preciso que os interlocutores partilhem do conhecimento da existência de um programa televisivo, exibido no Brasil por uma grande emissora de televisão, cujo nome se abrevia pela sigla BBB (Big Brother Brasil). A expressão verbal “Seleção pro programa” dá a pista para este entendimento, pois o vocábulo “programa” é usualmente utilizado em língua portuguesa para fazer referência a atrações de entretenimento veiculadas pela mídia radiofônica ou televisiva, sendo portanto um hiperônimo de BBB.

Além da própria construção da sigla do programa BBB, é essencial pensarmos na matéria usada na representação de cada uma das letras B. As letras selecionadas, isto é, aquelas que já foram escolhidas pela figura humana presente na charge, constam da parte esquerda e superior do texto: um B em forma de seios e um B em forma de nádegas. Em um processo de construção de sentidos que toma a parte pelo todo (relação associativa meronímica), percebemos que os selecionados para o programa contam com grande beleza física (seios e nádegas) e, partir de um conhecimento social partilhado, é possível construir um estereótipo de que pessoas belas são, em geral, dotadas de pouca inteligência.

O diálogo entre o personagem humano e uma letra B reforça o processo referencial apontado acima. Ao perguntar para a letra B ainda não selecionada: “isso é intestino ou cérebro?”, o produtor do programa assume a estereotipação dos selecionados para o BBB como pessoas sem inteligência, uma vez que, ao responder se tratar de cérebro, a letra B não foi escolhida. Nas palavras de Cavalcante, temos:

Vemos então que o processo referencial é essencialmente sociocognitivo. De um lado, o aspecto social põe em relevo a necessidade de se analisarem as expressões referenciais sob o foco de vários fatores sociais que interferem na configuração textual e que se localizam além dos fatores estritamente lingüísticos. Por outro lado, o aspecto cognitivo enfatiza que o processamento referencial é cognitivamente

motivado, estratégico, no sentido de que os interlocutores selecionam formas de atuar sobre a produção e recepção de textos, utilizando para tanto o conhecimento (em algum nível) proveniente de sua “bagagem” mental. (CAVALCANTE, 2012, p. 65)

Tomando como ponto de partida a assunção de uma visada sociocognitiva para tratamento da progressão referencial e, por consequência, também da progressão tópica, é possível apresentarmos para a Charge 02 o sentido de que o programa televisivo BBB apenas seleciona personagens dotados de atributos físicos em detrimento aos atributos intelectuais. A construção desse TD, no entanto, não é possível se a observação for apenas de elementos verbais e não-verbais, já que carece sobremaneira de uma partilha de conhecimentos entre os interlocutores.

Charge 03

Nossa terceira charge foi encontrada em um site de buscas da internet em uma página chamada *BeefPoint*, dedicada a apresentar informações sobre a pecuária no Brasil. De acordo com Miguel Cavalcanti, responsável pela postagem, em 17/07/2013, a charge foi “enviada por uma amiga e retirada de um jornal de Piracicaba”. Como não conseguimos localizar a referida charge em sua publicação original, consideraremos a data da postagem como a de sua veiculação. Vejamos:



Fonte: <http://sites.beefpoint.com.br/mcavalcanti/charge-jornal-piracicaba-mendigo-carne-friboi/>. Acesso em: 10/02/2018.

Na charge, percebemos dois personagens, um ofertando um bife em um prato e o outro sentado em uma calçada, aparentando ser uma pessoa sem recursos financeiros. Entre ambos há o seguinte diálogo:

Personagem 01: Quer um bife?

Personagem 02: É Friboi?

Considerando toda a discussão realizada anteriormente, quando da análise da charge 02 relacionada ao programa televisivo BBB, poderíamos considerar que a Charge 03 parte do mesmo princípio: apenas pessoas com conhecimento social do que significa a marca de carnes Friboi conseguiria atribuir um tópico ao texto. Contudo, o que nos chamou atenção nessa charge é a duplicidade de interpretações (e conseqüentemente de percepção do assunto do texto pelos interlocutores) possível a partir de dois contextos socioculturais diferentes. Expliquemos.

Em 2013, data da possível publicação da charge, a empresa JBS, proprietária da marca Friboi, veiculou campanha publicitária com dois grandes ícones midiáticos: um ator e um cantor ambos muito conhecidos do público em geral. O slogan usado era “Carne confiável tem nome” e ressaltava a origem e a higiene com que os produtos da referida empresa eram processados. Rapidamente, a frase “é Friboi?”, utilizada nas campanhas publicitárias, tornou-se um bordão utilizado em muitos memes³ na internet.

No entanto, em 2017, uma operação deflagrada pela Polícia Federal investigou mais de 30 frigoríficos em todo o país, dentre eles o JBS, havendo a divulgação pela mídia de diversas irregularidades sanitárias no processamento da carne. Em virtude das informações veiculadas, algumas delas falsas inclusive, houve uma grande reação da população contra os frigoríficos denunciados e o slogan “é Friboi?”, antes usado como gesto de procura por algo de qualidade, passou a ser usado como qualificador de produtos pouco confiáveis.

Após essa breve retomada de duas situações envolvendo a marca Friboi, voltemos à Charge 03 com a questão: qual o TD presente no texto? Se analisarmos a charge a partir da situação retratada em 2013, chegamos à conclusão de que o personagem desfavorecido, aparentemente em situação de mendicância, apenas aceitará receber o alimento doado pelo outro personagem se for Friboi, ou seja, o humor está no estranhamento causado pela exigência de qualidade de alguém que, a partir de estereótipos socioculturais, deveria receber

³ De acordo com o site Significados, *Meme* é um termo “bastante conhecido e utilizado no “mundo da internet”, referindo-se ao fenômeno de “viralização” de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc, que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade.”

qualquer alimento, sem questionar sua procedência. Teríamos aí uma avaliação positiva da marca Friboi, uma vez que representaria um produto com qualidade comprovada.

Se, por outro lado, observarmos a pergunta “é Friboi?” feita por um morador de rua a alguém que lhe oferta um bife a partir da operação ocorrida em 2017, o entendimento seria outro e, conseqüentemente, o TD também. Nesse contexto, diante da grande desconfiança sobre a segurança de ingestão de carnes oriundas do frigorífico JBS, mesmo alguém com fome se recusaria a receber carne Friboi. A avaliação seria oposta a anteriormente mencionada, pois a carne Friboi estaria associada à falta de qualidade e de higiene.

Acreditamos que a Charge 03 demonstre de modo enfático a impossibilidade de que o TD, seja como categoria analítica, seja como categoria interacional, fique restrito à materialidade do texto, uma vez que os sentidos dos textos são construídos em uma relação global entre as pistas deixadas pelo cotexto (no caso a expressão intertextual “é Friboi?”) e os dados do contexto mais amplo, mediato, em que os interlocutores estão imersos.

Considerações finais

Para concluir, partimos de uma constatação óbvia: todo texto é produzido em torno de um tema (tópico). Entretanto, a questão deixa de ser tão clara assim quando nos encarregamos da tarefa de determinar o assunto central de um texto. Pinheiro (2006) afirma que a grande crítica sofrida pela noção de tópico é a de ser intuitiva, uma vez que o tópico pode não estar necessariamente materializado no texto, sendo extraído pelo analista.

Contudo, só podemos dar relevância a essas críticas se ainda insistirmos na concepção de que há *um* sentido possível para cada texto, cabendo ao leitor / ouvinte apenas decodificar aquilo que o produtor quis dizer. Essa utopia já foi exposta e hoje falamos em construções de sentidos plurais para o texto, uma vez que o processo é colaborativo entre os interlocutores, fazendo-se no espaço da interação.

A linguagem não é transparente, mas impregnada de opacidades. Nesse sentido, entender o TD como uma ferramenta para descrever os mais diversos gêneros textuais é muito produtivo, embora cada QT deva ser visto como a maneira do analista de construir um sentido para o texto, o que, definitivamente, não exclui ou impossibilita outros sentidos que poderiam ser construindo em outros QTs igualmente relevantes.

Referências:

- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; PINHEIRO, Clemilton Lopes; LINS, Maria da Penha Pereira; LIMA, Geralda. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (orgs). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2011.
- JUBRAN, Clélia Candida Abreu Spinardi et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (org.) **Gramática do português falado**, vol. II. Campinas: Editora UNICAMP, 1992.
- JUBRAN, Clélia Candida Abreu Spinardi. Tópico discursivo. In: JUBRAN, Clélia Candida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (orgs.) **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. Vol. I. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p.89-132.
- _____. Revisitando a noção de tópico discursivo. In: KOCH, Ingedore .Grunfeld Villaça ; BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral (orgs.) O Tópico Discursivo. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Universidade estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, nº 48(1), 2006a, p. 33-41.
- LINS, Maria da Penha Pereira. Organização tópica do discurso em sequências de tiras diárias de quadrinhos. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral (orgs.) O Tópico Discursivo. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Universidade estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, nº 48(1), 2006, p. 125 – 134.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral (org.) O Tópico Discursivo. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Universidade estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, nº 48(1), 2006, p. 07 – 22.
- MORENO, Gemma Andújar. Anaphore et construction de sens : le cas de l’anaphore « tel »et ses traductions vers l’espagnol. In : **L’inscription des biais socio-cognitifs dans la langue**. Limoges : Lambert-Lucas, 2014.
- PINHEIRO, Clemilton Lopes. O tópico discursivo como categoria analítica textual-interativa. In: KOCH, Ingedore .Grunfeld Villaça ; BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral (org.) O Tópico Discursivo. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Universidade estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, nº 48(1), 2006, p. 43 – 51.
- _____. Objeto de discurso e tópico discursivo: sistematizando relações. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 12, n. 3, p. p. 793-812, dez. 2012. ISSN 1982-4017. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/1223> Acesso em: 05 fev. 2018.